COLEÇÃO PROARTE LITERATURA

CATARINA LEMES PEREIRA

CINZEIRO DE **CRISTAL**

CULTURA
Edições Governo do Estado

COLEÇÃO PROJECTO LITERATURA

Cinzeiro de Cristal

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado
Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Catarina Lemes Pereira

Cinzeiro de Cristal

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catalogação da Fonte

P436c Pereira, Catarina Lemes.

Cinzeiro de cristal / Catarina Lemes Pereira. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Cultura, 2012.

66p. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-28-5.

1. Literatura brasileira. 2. Conto Amazonense. I. Título. II. Série.

CDD 869.93
CDU 821.134.3(81)-34

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

AGRADECIMENTOS

À Noversi Pereira, João Alves, Cristiane Menezes, Lara Neves, Nelma, Sebastiana Oliveira e Caroline Pinagé.
Aos irmãos que a vida me deu: Fábio Neves, Caroline Marques, Jayse Martins e Kamila Dinelli.
A Tenório Telles, Zemaria Pinto, aos colegas e professores do curso de Letras da Ufam.
Em memória de Maria Zilda Maia e Maria Aparecida Lemos.
Por serem enviados de Deus na minha vida e por serem um exemplo de que ainda vale a pena acreditar no sonho, na busca pela beleza dos ideais mais impossíveis e na concretização de uma humanidade fiel à sua essência.

DEDICATÓRIA

À Bella Sophia e Ian Gabriel.

Que me ensinam a ser filha, na medida em que me amam como mãe.
A quem rabiscou com giz de cera as cores do amor e o sentido da felicidade, cada página deste livro e cada capítulo da minha vida.

Obrigada, Deus!

SUMÁRIO

Apresentação 13

Paris dos trópicos I 15
Pensamentos de vida a respeito da morte 19
Na praça da Saudade 21
O explorador de esquinas 23

Paris dos trópicos II 27
O anfitrião 31
Três bêbados em um monumento europeu 33

Paris dos trópicos III 39
Tédio matinal 45
Entrelinhas 49
Largo São Sebastião 51

Paris dos trópicos IV 53
Relógio de ouro 57
Cinzeiro de cristal 61
Biografia da autora 63

APRESENTAÇÃO

"Porto de lenha, aldeia encantada, é verde o teu manto e azul o teu chão" é expressão-síntese que inaugura um dos capítulos desta obra de Catarina Lemes Pereira, toda ela mesclada de contos e recontos cujo cenário é sempre Manaus, atual e da "belle époque", com pessoas construídas do imaginário da autora e outras tantas vistas e encontradas possivelmente em seus passeios pela cidade pela qual declara amor ao falar de sua vida e seus mundos.

A Paris dos Trópicos está aqui e ali, e a Manaus moderna, bela, cansada, ferida, rasgada de mazelas como qualquer outra cidade de seu porte ainda em transformação urbana, sofrida pela explosão populacional e marcada por um passado forte e tudo e havido como exuberante e belo.

A autora carrega nas tintas, mas não perde a percepção da vida cotidiana da cidade. Nesse aspecto o *Cinzeiro de cristal* tem sentido para um leitor que busca conhecer Manaus sem a cansativa narrativa histórica e cronológica, sempre utilizada para esse fim. Com ela, somos convidados a um passeio nos tempos correntes, e, de repente, como um recorte de quem não consegue se separar de vez do passado heroico da goma elástica, a autora nos carrega ao passado que, não tendo sido presente em sua vida, se faz presente como no imaginário das estórias de mapinguari, contações de boto, pregação de quermesses, ou coisa que o valha. Conta histórias de amor, desenha cenários de festa, de orgia e de tristeza, fala do tédio, registra a existência dos pequenos jornais, aqueles que dão uma notícia ainda mais breve sobre os fatos já contados e recontados na televisão e no rádio, ampliados nas grandes edições.

Ao descrever cenas mundanas que há de ter visto, de verdade, dá o tom natural de uma conversa entre amigos. O leitor vai perceber. E mesmo quando se refere ao "barão", este ou aquele da fase áurea da economia da borracha que inundou o Amazonas de libras esterlinas que tilintavam apenas nos bolsos das casacas e dos fraques importados da Europa, o faz como se estivéssemos todos lá, ao mesmo tempo, e naquele tempo.

O cinzeiro de Catarina vale ser lido. É atual nos temas e na linguagem, e retrata Manaus na qual vivemos em disparada carreira. Mas ela percebeu o belo, e dele nos fala em muitos momentos, tal como faz quando assinalava as festas do Natal no Largo de São Sebastião: "as luzes do palco se acendiam e os moleques nem precisavam se

esconder. Um lindo espetáculo começaria a qualquer momento e eles estavam doidos com tanta beleza", como assinala em seu "Largo de São Sebastião", mas o faz sem perder de vista e sem deixar de nos oferecer a razão da presença dos meninos de rua em festa tão bela, ao lado e em igualdade com outros meninos, só mesmo sendo presente de Deus, tal como assinala a autora.

A comissão de seleção do Proarte – Programa de Apoio às Artes foi feliz também na escolha dentre muitos outros textos. Catarina Pereira mereceu estar nas Edições Governo do Estado, e é bom exemplo da importância de novas oportunidades de que fala o governador Omar Aziz.

Robério Braga

Paris dos Trópicos I

Século 19. Tempo de intensas transformações. Tempo também de personagens atípicos, grandiosos em suas missões, pequenos em sua notoriedade.

Na histórica cidade de Marseille, na França, nascia Edith Marie. Família pobre, herança singular. Cresceu sabendo que era bela, foi para as ruas para afastar a feiura de sua vida. Muito jovem, já era uma das mais atraentes moças da região, mas usava sua beleza para desfrutes e acabou sendo atraída pela vida às avessas. De dia descansava a pele, ordenava os cabelos e à noite ia ao encontro daqueles que lhe serviam com boa bebida e a quem ela servia ofertando sua alegre companhia.

Ofício regresso, essência luminosa.

Sua elegância e comportamento confundiam aqueles que esperavam ver a vulgaridade estampada em seus gestos e encontravam uma doce e graciosa figura. Edith se fazia notar e adorava ser conquistada com presentes caros. Algum tempo dividindo o espaço com as outras e aconteceu o que ela, em seu íntimo, já esperava que acontecesse um dia. Foi escolhida por um Barão – influente na Europa e com negócios promissores.

A relação dos amantes era a própria encarnação da luxúria. Era ela quem coloria suas noites, suas viagens. Era ele quem coloria seus vestidos e dava vida às suas joias. De certo que se entendiam muito bem.

Com ele, conheceu Portugal, foi à Paris. Aprendeu a falar um pouco de cada língua para saber comportar-se como *lady* em sua companhia.

Edith, bela e enigmática. Pele alva, cabelos castanhos graciosamente caídos na cintura. Olhos esverdeados e inquietos, uma legítima rainha coberta com trapos de meretriz. Procurava não se importar com os comentários maldosos que lhe chegavam aos ouvidos. Sabia que por pior que lhe julgassem, não eram eles também dignos de atirar-lhe pedras. Afinal, quem o é?

Certo dia, em um dos encontros furtivos do casal, Edith falava de certa joia que havia visto empenhorada na vila. O Barão estava distante, pensando na viagem longa que teria de fazer em breve. Ele tinha negócios em um país amigo e convidou a pequena para acompanhá-lo em importante viagem.

Edith ficou curiosa. Para onde iriam daquela vez? Separou os luxuosos vestidos e os poucos sapatos. Armou os cabelos e desenrolou a luva. Sem desconfiar do que a aguardava, a pequena sorria de excitação.

O destino era o Brasil, especificamente Manaus.

Manaus... o que era Manaus? Terra outrora habitada por índios, agora visitada por europeus. Chão de riqueza, berço de mistérios, caminhando para próspero crescimento, a promissora Paris dos Trópicos.

Ouviu alguns comentários, não se entusiasmou. Ela conhecia Paris e seria difícil impressionar-se com qualquer outro lugar. Queria viajar, mas não intentava partir rumo a uma cidade no meio de uma floresta, tão longe de suas ruas.

Não foi fácil convencê-la a embarcar rumo ao desconhecido, longe de sua Marseille, cidade da infância e de toda uma vida, mas uma bela joia de presente e a promessa de que outras mais viriam terminaram por lhe convencer.

Durante o trajeto ouvia comentários e mais comentários sobre Manaus. Os investimentos eram muitos e o retorno melhor ainda. Ouvia que essa pequena cidade perdida no meio da selva experimentava momento de riqueza em razão do apogeu do ciclo da borracha, sem falar no imponente Teatro Amazonas que já naquela época atraía os olhos do mundo pela versatilidade de sua construção e beleza estampada em cada centímetro de sua estrutura. Aos poucos a curiosidade despertava e a cada momento que se aproximava do clima morno da cidade compreendia com mais clareza a excitação dos visitantes.

Manaus era revestida de traços europeus e estava modelada como uma pequena e luxuosa cidade francesa. A Europa tinha interesses econômicos e beneficiava-se estreitando relacionamentos promissores.

Edith não ligava para os negócios, interessava-se pela beleza exuberante do rio, pela calma que o verde trazia e passava horas pensando no vestido mais apropriado para a primeira noite na cidade-luz da selva. No caminho, comentaram que encontrariam índios correndo nus pelas ruas – não encontraram.

Disseram muitas outras coisas também, mas ela não se importava, pois havia na cidade tudo o que ela precisava para sorrir: bebidas, beleza, música e dinheiro, muito dinheiro.

PENSAMENTOS DE VIDA A RESPEITO DA MORTE

A morte vinha, a morte ia. Ainda era cedinho e a rua Joaquim Nabuco já fervilhava. Encostado à padaria costumeira de todos os dias, tomando seu café habitual de todas as manhãs, ele olhava curioso para a funerária Almir Neves. O morto era, na verdade, uma morta com mais de oitenta anos e todas as pessoas ali eram, segundo o rapaz ao lado, da família.

Observou com admiração aquele funeral. Esperava que o seu fosse tão honroso quanto. Não que houvesse ostentação ou coisas afins, mas o olhar de cada um dos presentes carregava a dor da saudade.

Essa dor ele também carregava e não sabia se olhava para trás, ou se seguia em frente, caminhando para a sentença que lhe sorria todos os dias.

Lembrou que quando mais novo não tinha medo de morrer. No carnaval, começava na sexta-feira na banda do Pina e era encontrado na quarta-feira de cinzas desmaiado de ressaca no Boulevard. Ah, carnaval, quanta falta sentia de suas marchinhas! Ultimamente só via festa pela televisão porque as inconsequências de jovem fragilizou-lhe o corpo. Pensou nas fugas da Missa do Galo, dos réveillons da Ponta Negra. Tudo tão belo, só ele simplório. Amou uma mulher, uma apenas e a ninguém mais. Ela vivia agora nos braços de outro senhor, porque ele não soube merecê-la.

Havia casado posteriormente, mas a ausência do amor e de um punhado de decência lhe fizera optar por não ter filhos. Esperava que a ruindade de sua mente fosse cortada ali mesmo, sem mais gerações. Queria curtir a vida, e filho gerava gastos e dores de cabeça. Não estava preparado para aquilo, os diplomas o cativavam. Formou-se intelectual, foi professor da Universidade mais antiga do Brasil e nem precisou ir longe.

Situada em plena selva amazônica, na avenida General Rodrigo Otávio, era só pegar o carro e rápido chegava ao destino. Já aposentado, perdera o contato com seus alunos, até mesmo com os mais fiéis. E pensava no seu enterro e em quem haveria de dizer um último adeus.

Agora que a morte vinha ao seu encontro, ao menos em pensamento, pensava com desprezo procurando a falsidade que sempre existe nas despedidas. Pessoas que há tempos não se via, ou que olhavam sem se importar, santificando a imagem do outro diante da morte. Achava isso patético, mas contrariando seus pensamentos amargos, ao olhar para

aquelas pessoas à sua frente, sentia que a verdade do olhar de cada um revelava que o ser que jazia dentro daquele caixão, de fato, inspirava compaixão.

Lembrou com remorso de estar tão bêbado que não pôde ir ao enterro do pai e de romper com a mãe por considerá-la cuidadosa demais. Rompeu com o mundo das emoções e viveu no mundo das ideias. Lembrou de Mozart, um dos maiores gênios de todos os tempos, sendo enterrado como indigente em uma cova coletiva. E ele que nada era, seria enterrado como? Seria ao menos enterrado?

Fitava os olhos de uma pequena que chorava, sentiu vontade de chorar também. O médico avisou que os remédios podiam ter efeito depressivo, mas não avisou que a tristeza vinha de forma tão intensa.

Infância despedaçada, juventude esquecida, vida amargurada. Que falta lhe fazia agora um filho, para dar-lhe um abraço, confortar suas dores, abrandar o carma da solidão?

O hino tocava, todos davam um último adeus. O corpo gélido em breve seria levado para o cemitério para ser misturado à terra, aos bichos e logo deles faria parte.

Perguntaram-lhe se era da família, ele ficou calado e percebeu que também chorava. Estava sensível, amargurado, arrependido. A doença se espalhava pelo seu corpo e os medicamentos mexiam com seu organismo. Tinha de arcar com a consequência de suas escolhas, seguir adiante a pauta de sua vida, até onde lhe fosse permitido caminhar.

Melancolia à parte, lágrimas enxugadas, voltou à razão, o mesmo casmurro de outrora, e zombando de si mesmo por seu minuto banal, decidiu ler as notícias do dia e que agora se concentraria em seu café. Afinal não intentava partir dessa de estômago vazio.

NA PRAÇA DA SAUDADE

Ele ainda era criança quando, pela primeira vez, tentaram lhe explicar qual a diferença entre o sólido e o abstrato. Diziam que o sólido era tudo que ele podia tocar e o abstrato era tudo que ele não conseguiria. Cresceu usando isso de forma simples e quando via um prédio já associava à palavra sólido e quando sentia o vento bagunçar seu cabelo, automaticamente a palavra abstrato lhe vinha à mente. Sólido e abstrato, duas palavras tão óbvias e fáceis de relacionar. No entanto, agora sentado ali na Praça da Saudade tantos anos depois, começava a questionar o absoluto dessa verdade.

Sentiu o vento, o primeiro exemplo de abstrato que lhe apresentaram. Fechando os olhos, conseguia lembrar de quando, aos domingos, a mãe o levava para brincar com os irmãos enquanto ela, ali mesmo, namorava o pai. Ele e o irmão corriam, apostando para ver quem era mais rápido. Entre o pipoqueiro e os brinquedos para os menores, eles se perdiam por horas a fio correndo, suando.

Depois pensou no amor, o primeiro exemplo abstrato que de fato conheceu. E pensou no quanto tais coisas são abstratas em sua aparência, mas sólidas em sua essência. Nada foi mais sólido em sua vida que aqueles momentos da infância que não puderam ser guardados em uma caixa, mas que jamais saíram de sua memória.

Prédios, casas, ruas, o conhecido sólido do mundo é, na verdade, a verdadeira porção do abstrato. Se fecharmos os olhos e tentarmos encontrar alguma razão que de fato nos prenda, não serão essas construções vazias que nos preencherão a mente, mas sim tudo aquilo que não alcançamos com as mãos, mas que o coração toca tão facilmente. O piano, por si só, é abstrato porque só ganha vida se a solidez de uma bela canção invadir suas teclas. A caneta, por si só, é nada, se perdida no fundo de uma bolsa. Mas se guiada por mãos e tomada pela poesia ela transforma-se na plenitude de um poema, na lágrima derramada, no peito aliviado. É o sólido que preenche a alma, o abstrato só ganha a forma.

Era bom lembrar daqueles tempos distantes, era bom estar ali novamente e poder sentir o cheiro do cabelo da mãe que não mais estava ali para contar-lhe as histórias que moldaram o seu caminhar.

Ouvia o irmão dizer: – Maninho, maninho, vem me pegar, eu duvido.

Era bom reviver. Naquela época os tempos eram outros, a vida era sólida. Hoje, ela é pó, abstrata de sentidos ou ideias. Mergulhado em si mesmo, tentava se reencontrar em um passado que ainda lhe tocava os dedos.

Os momentos se foram, mas a praça ficou, marcando no chão seus passos de moleque e levando no nome sua palavra de tradução.

O EXPLORADOR DE ESQUINAS

– O que há após uma esquina?

– Após a esquina há uma padaria.

– E o que há após a outra esquina depois da padaria?

– Há uma casa abandonada. Dizem que há fantasmas lá.

– Ah, e o que há depois da esquina que vem logo depois da casa velha, caindo aos pedaços?

– Ah, sei lá, deve haver outra casa, ou qualquer outra coisa.

Juca era agitado e sabia que às vezes incomodava com suas perguntas intermináveis, mas acontece que esse jovem trazia consigo algo diferente. Ele tinha uma curiosidade intensa por saber o que haveria depois da esquina. Desde criança, quando ainda morava no São Raimundo, sempre que via uma rua com dobras à esquerda ou à direita ficava imaginando o que haveria ali do outro lado.

Criava mil expectativas sobre castelos e monstros, mas com o tempo acabou se acostumando à ideia de que acabaria encontrando mercadinhos e pontos de ônibus.

Às vezes afastava-se muito de casa e ia andando mesmo, decodificando as esquinas e anotando sua sequência. Queria saber o que havia atrás de cada esquina, mas sempre que encontrava uma rua sem saída, ou um muro muito alto, enchia-se de tristeza e colocava-se a traçar planos para calcular onde seria a próxima esquina a ser explorada. Com menos de dez anos, já conhecia o bairro na ponta do lápis e decorava o trajeto de todos os lugares por onde andava mais de uma vez.

Cresceu sendo um explorador das ruas de Manaus, apaixonado por suas praças, museus e o seu grandioso rio, mas além de querer explorar os lugares, gostava de conhecer também as histórias dos ilustres que marcaram seu tempo e ficaram eternizadas nas ruas da cidade.

Ficou sabendo da vida de Djalma Batista e Eduardo Ribeiro. Soube que Leonardo Malcher era engenheiro e foi quem construiu a magnífica Igreja de São Sebastião, no centro de Manaus. De tanto que perguntava, escutava de tudo e, às vezes, ficava em dúvida se o que lhe narravam era fruto do real ou do imaginário.

Um dia, ainda moleque, a professora disse que a turma tinha de fazer trabalho da escola. Foram visitar o Palácio Rio Negro e o menino ficou besta de ver lugar tão bonito como aquele. Naquele dia qualquer de setembro, viu fotos de Manaus no período áureo da borracha e

conheceu o termo *belle époque*. Sabia que nunca tinha ouvido palavras mais bonitas. Esse termo retratava a bela época em que Manaus experimentou a graça e ousadia de ser popularmente conhecida como a Paris dos Trópicos.

Ficou sabendo que ainda havia um mundo de descobertas a serem desvendadas. Foi pesquisar. Leu que na passagem do século 19 para o 20 os olhos do mundo voltaram-se para a nossa cidade, porque o apogeu da borracha propiciou a construção de projeções arquitetônicas, entre estas a mais encantadora de todas: a do Teatro Amazonas. Viu as fotos, conheceu o estilo *art noveau* e insistiu com a professora até irem conhecê-lo.

Para um menino que cresceu correndo nas ruas de São Raimundo, não havia momento que lhe tivesse marcado mais que aquele em que pisou no Teatro Amazonas pela primeira vez. Conversava com a mãe, vislumbrado com tanta beleza e ela quase o matou de espanto ao dizer que nunca tinha entrado lá.

– Como assim?!

A mãe era amazonense, já tinha passado dos trinta fazia tempo e nunca tinha ido ao Teatro!

Não podia acreditar e procurou com quem dividir aquela visão do Paraíso. Não achou. Resolveu fazer poema e contar para as páginas em branco que estava apaixonado pela primeira vez. Apaixonara-se pela beleza de seu salão, pela magia de suas máscaras, pela poesia estampada em cada pedacinho de sua imponente estrutura. Dali não mais parou.

Conheceu o Palacete Provincial, o Palácio da Justiça, Encontro das Águas. Fez história, mergulhou nela. Menino nascido no São Raimundo, amante da história de sua gente, andante pelas terras de seu país.

De Manaus para outras trilhas, de outras trilhas sempre voltando para Manaus.

Um dia, caminhando para casa, pensava na visita que ainda devia à Biblioteca Nacional e, então, de repente, dobrando a esquina tão rotineira que o levava para casa todo santo dia, esbarrou nela e viu espalhados no chão todos os seus papéis.

Viraram os dois para reunir o material caído no chão. Ele, totalmente concentrado em arrumar a bagunça causada pela sua total distração, pôde ver enquanto arrumava as provas, que eram de geografia, e com um pouquinho de dedução podia prever que sua dona fosse professora do Ensino Médio.

Após conseguirem guardar todas as provas, Juca parou e a olhou atentamente. Ficou meio tonto e por uma fração de segundo reviveu toda a sua vida naquele momento. Procurou beleza tal, pensou nos teatros, nos museus, não havia nada. Ela era ímpar e seu rosto sorria, mesmo que seus lábios estivessem inertes.

Ela o olhou singelamente, desajeitada. Ele a olhou com desejo, com servidão e, enquanto se olhavam, ele percebeu. O mundo lá fora perdera a importância porque havia um mundo nela a ser explorado.

Do inesperado encontro surgiu a amizade. Da amizade, o amor já antecipado. Troca de ideias, experiências, paixões. E ela era como as esquinas, quanto mais a conhecia, mais queria conhecer. Quanto mais ruas dobrassem, outras mais haveriam de vir,.e entre uma esquina e outra, Juca seguiu e permaneceu assim, decodificando mapas e adentrando labirintos, por muito tempo mais, só que agora em boa companhia.

Paris dos Trópicos II

Francisco ficava abismado e às vezes pensava que ia explodir. Encostado em uma obra inacabada, pensava com revolta, andava meio bêbado ultimamente. Via uma cidade bela pela frente erguida, com tanto sofrimento por trás dos palcos.

Manaus vivia o apogeu da borracha, mas eram eles, pessoas sem vida que sustentavam aquela riqueza e eram muito mais merecedores daquela seiva que os próprios Senhores da Borracha. Como seriam Senhores de algo que nunca haviam tocado? Ele também não tocara nela, mas sabia do tormento que passara a viver em nome de uma ilusão fracassada.

O destino de Francisco era ser um soldado da borracha, mas a rota de sua vida tomou um caminho diferente. Veio do Nordeste com o pai, ambos convocados para participar desse momento marcante da História do seu país, com promessas de riqueza e de volta rápida para casa.

Ouviam dizer que no Norte estava acontecendo uma revolução econômica e que até diamante se encontrava nas ruas. Entre a certeza da miséria e a possibilidade surreal da fuga, assinaram cada um sua sentença de sacrifício.

Deixaram para trás a família e as lembranças, a seca e a miséria, e embarcaram com muitos outros no navio que seguia para Manaus. As mulheres da família poderiam ter vindo, mas resolveram ficar. No íntimo sentiam que a aquarela não era tão bonita como lhe pintavam. Regressavam à casa dos pais, com filho na mão e fome na barriga.

No convés, pai e filho ouviam conversas que iam do horror à admiração. Alguns falavam da riqueza, outros desconfiavam da exploração. No desembarque, tudo indo bem, até que em uma distração de Francisco o puxaram de lado e não deixaram que seguisse com os outros.

O Barão precisava de servos, de mais servos e alguns daquela leva iriam ficar para ajudar a descarregar os navios e servirem os visitantes. Francisco era forte, sadio, o perfil que agradava o Barão Noversi Pereira. Separou-se do pai, tentou explicar. Em menos de um minuto em Manaus percebeu que o sofrimento que lhe tocava seria para uma vida toda. Não se importaram para o fato de separarem pai e filho.

Um seguiu para cumprir seu destino, o outro ficou para cumprirem o dele.

Ficou por ali e por onde mandassem, dormia em um convés dentro da cidade mesmo. Perguntava como era a vida no seringal, chorando em silêncio de pena e alívio. Os companheiros diziam que vida pior não

havia de existir. Eles eram explorados, e alguns morriam de malária ou acometidos por outras doenças da região.

Tinham de pagar para trabalhar em condições subumanas. A vida no seringal era amarga e não se comparava a ter de empurrar caixotes ou carregar baús. Ele já devia o consumo não realizado e comia as sobras dos jantares, mas não reclamava porque pouco já lhe importava alimentar o corpo quando sua cabeça estava tão atormentada. Perguntava-se quando aquilo ia acabar, mas não encontrava respostas sóbrias que lhe acalmassem. O refúgio: a bebida. Bebia para esquecer que não tinha mais pai, nem mãe, nem presente, nem futuro.

Um dia, já passado algum tempo desde a última lembrança do pai e de si mesmo, o coração calejou, entregava suas preces para Deus e confiava somente n'Ele. Absorto em uma briga entre bêbados, observou uma grande comitiva europeia chegar. As pessoas que chegavam eram diferentes. Com suas roupas engraçadas, despertavam-lhe a atenção. Ele sentia-se um bicho e sabia mesmo que o era. Cheirava mal, era grotesco. Mas não importava. O que importava eram os ricos, não os pobres.

Um homem baixo caminhava com ar importante e ao lado dele seguia a mais bela criatura que ele já havia visto na vida. Ela usava vestido azul-turqueza e tinha uma pele alva. Os cabelos caídos nos ombros combinavam em perfeito com seus olhos e com seus lábios. Já tinha visto muitas mulheres vindas da Europa, mas não imaginava que houvesse no mundo beleza igual àquela.

Ela caminhava lentamente, curiosa com a cidade tão comentada por todos. Queria conhecer tudo. E foi então que, como um milagre e por uma fração de segundo, seus olhos se cruzaram. A moça tinha faro apurado e percebia de longe quando alguém a devorava com olhos famintos. Apesar de sentir leve frio na barriga ao flagrar tanta intensidade em perfeitos olhos negros, ignorou. Seguiu em frente.

Mal sabia Edith o que a aguardava.

O mal estava anunciado, a sorte estava lançada e as águas revoltas do rio Negro começavam a se agitar.

O ANFITRIÃO

Joaquim veio do Sul, se aventurar em terras nortistas. Chegando em Manaus, foi logo tomar tacacá. Ficou sabendo que o negócio era feito do veneno da mandioca brava. Ficou com medo. Tomou mesmo assim, se tivesse de morrer, seria como macho.

Foi dar uma volta na feirinha da Eduardo Ribeiro, ficou espantado com a autenticidade do lugar. Pensou em montar lugar assim na sua cidade. Com livros, arte do seu povo, comida típica. Conheceu o porto e ficou por lá um tempo, sendo expulso somente pelo ataque das carapanãs que adoravam saborear pele nova no pedaço. Andou de carro pela cidade, conheceu o Parque do Mindu e a Ponta Negra. Não se deu por satisfeito. Haveria mais por conhecer.

Foi almoçar caldeirada no Tropical, e assumiu que peixe em Manaus tinha mesmo um gosto diferente. De qualquer jeito que fosse feito ficava bom demais. Conheceu a farinha do uairini e experimentou tucupi. Nunca mais esqueceu nem de um, nem de outro. Ficava incomodado com o mormaço, mas gostava do calor da gente dessa terra. Eram diferentes, humanos demais. Ficava quieto, experimentando tudo que lhe dessem.

Andou a pé na Reserva Ducke, alugou bicicleta para ir ao Parque dos Bilhares. Não viu índio, ficou admirado. Algumas conversas eram de alto nível, algumas melhores que a dele que estudou fora, conheceu o mundo. Andava feliz, mas não inteiramente satisfeito, e foi ali caminhando no Largo São Sebastião que a viu – fotografando o Teatro. Aproximou-se, pensou que fosse turista também. Não era, mas precisava das fotos para um trabalho da faculdade.

Tão branquinha, loira natural e ainda tinha nome de gente de fora: Jayse. Joaquim treinou um bocado para aprender a pronunciar direito o nome da bela. Ele curioso, ela desconfiada. Olhou Joaquim e o achou engraçado, um daqueles tipos que a gente só encontra uma vez na vida. Sandália fechadinha, bermuda no umbigo. Blusa estampada como se estivesse no Caribe, pele vermelha visivelmente tentando se adaptar ao sol de Manaus. Nas mãos uma água de coco, na cabeça um chapéu engraçado. Ele achou bonito, comprou domingo quando fora à feirinha perto do hotel. Ela sorriu.

Ele achou que fosse para ele, mal sabia que ela ria dele. Ofereceu-lhe um tacacá. Uma semana em terras distantes e já se considerava especialista em ser anfitrião. Ela aceitou o convite. Ambos foram tomar

tacacá – o dela com bastante camarão. O dele sem aquela goma pegajosa, mal sabia ele que jambu é uma delícia.

Ficaram bastante tempo ali e depois em outro lugar. Conversavam sobre tudo, um se gabando para o outro das particularidades de sua terra. No outro dia, era chegada a hora da partida. Joaquim estava sorridente e dava-se por satisfeito, podia voltar para a casa e dizer que provara de todas as delícias amazônicas.

TRÊS BÊBADOS EM UM MONUMENTO EUROPEU

– Essa noite está amarga.

– Amargo está o seu paladar, meu caro. A noite está serena como sempre.

– Serena e bela, como sempre há de ser.

E assim eles seguiam. Unidos como amigos que se complementam e se compreendem em um sentimento mútuo de solidão. Tinham eles a sintonia de um antigo coral.

E acontece que era noite e a noite os libertava, os fazia menos sós. À luz da lua eles trocavam passos desapressados, como se não soubessem para onde iam, ainda que bem soubessem.

Nos lábios as mesmas e velhas canções. Mais um momento em que esses boêmios ficariam embriagados com a luxúria da noite e transformariam em notas musicais seu charme, suas mulheres, o seu álcool e a sua beleza.

Eles bebiam em doses lentas as gotas noturnas de sedução. E quem os via ali, sempre tão entregues, talvez não buscassem suas faces, identidades. Seus rostos, naquele monumento na praça de São Sebastião de tão comuns, já eram até característicos do local. Os turistas que quisessem fotos do imponente Monumento à Abertura dos Portos, levariam também os vultos constantes.

De todos, havia ali três perfis singulares. Jim, Pablo e Chico.

Pablo era um perfil mais retraído. De semblante sereno, era sonhador, quase uma criança. Chico era de uma personalidade mais marcante e trazia notas musicais de fino trato arraigadas em seus dedos. Jim era de longe o perfil mais diferente dos três. Chamava a atenção em sua maneira de falar, de andar e com seu violão nas costas encantava com suas músicas envolventes. Era egocêntrico dentro de sua beleza, mas nem por isso arrogante. A arrogância era casca.

Só eles se conheciam, entre eles não havia máscaras.

Mesmo aparentemente trivial, aquela noite era diferente. Não porque tivesse menos cor, ou mais melodia, mas porque dali em diante não haveria mais noite... ao menos não para eles.

Acontece que durante muito tempo eles estiveram ali, perdidos em seus caminhos, jogados em suas estradas. Não faziam parte de grupo ou seita religiosa. Não tinham hora marcada para se encontrar ou nomenclatura para os diferir. Aquele lugar, palco da cultura e de

apresentações artísticas, chamava menos atenção pelas suas atividades do que pelo ar de solidão que pairava sobre suas árvores.

O fato, meus caros, é que era chegada a hora do adeus.

Um dos amigos, Pablo, havia conseguido um lugar na prefeitura de sua cidade natal. Os arranjos da mãe por lá resolveram tudo e, antes que ele mesmo fosse consultado, as malas já estavam prontas. O Chico, por sua vez, acabara de formar-se e haveria de dedicar-se à profissão escolhida.

E eles eram como um só, então ou havia os três para serem um, ou não havia nada, nem ninguém. Chico sabia que seu lugar continuaria a ser ali, no mesmo monumento sujo. Ainda que as vestes de doutor o encobrissem, essas não teriam menos odor de barata que aquele chão europeu.

Aquela não seria só a última noite dos três amigos, mas seria também a primeira de um novo tempo que chegava, mas isso são outros assuntos, talvez tratados na próxima estação.

Jim estava meio agitado essa noite. Ele sorria as lágrimas que não conseguia derramar. Já lhe doía o partir dos irmãos, posto que ainda que não houvesse sangue, a alma deles estava ali como em um nó.

Família ele não tinha, futuro era uma palavra mórbida. Não havia nada antes ou depois daquela noite. Mas essa era uma verdade para os três.

É para o amigo que revelamos nossas fraquezas e nossas forças. É para o amigo que somos trapos de inestimável valor, e mesmo aos que são chegados ao orgulho de não demonstrarem muito o que sentem, podia-se dizer que ter uma amizade, como aquela, era coisa de essência, de raiz – nada além.

Após alguns passos, chegaram ao Largo de São Sebastião. Passaram antes no Bar do Armando e sentiram uma angústia nauseante. O combinado era que cada um levasse uma bebida, e que saboreassem aquelas últimas doses com lembranças e com propósitos. Taças a bordo, colocaram as três garrafas ali, postas a serem iluminadas pela nau europeia.

Viram a primeira garrafa. Enorme, bonita e sem demora a abriram. Seu gosto era forte, cítrico, lembrava o fogo das primeiras noites. E então começaram a reviver o gosto de momentos tão breves, mas tão fortes.

Entornando a primeira garrafa, lembraram das mulheres, das festas, dos poemas feitos ao vento, das noites que se tornaram amanhecer. Pablo era sensível, mas fazia-se de forte. Trazia consigo uma tristeza calada,

uma busca por uma alma tão bela quanto a sua. Jim em sua arrogância, Chico em sua genialidade.

Houve um momento em que os três se uniram e então foi graça. Havia tantas histórias, momentos, músicas, pessoas, cigarros e calmaria.

Quem os via de longe os julgava por loucos ou vagabundos de tanto que eles sorriam. Não havia vida fora daquele espaço, porque o líquido da primeira garrafa os tomou de tal forma que nada queriam além de apreciar o bom gosto que lhes servia o paladar.

Mas então, o espaço preencheu-se de vazio, e o próprio vazio tomou conta da primeira garrafa. Olharam um para o outro como quem dizia: – Já? Mas aceitaram o fim, e partiram para a próxima.

Seu gosto era menos intenso, menos provocante. Havia logo no final um sabor meio doce, mas para senti-lo era necessário que suas doses fossem bebidas lentamente. E então começaram a beber as noites menos alegres. Lembraram das outras pessoas que por ali passaram. Dos amores que acreditaram ser verdade e depois viram que eram como fumaça. Dos amigos, que pensaram ser de fato amigos e que por traições tolas foram embora.

Mas ainda haviam as boas lembranças. A banda preferida, as músicas mais tocadas, o violão mais antigo. Os colegas que inteiravam suas moedas, aprendiam as letras das composições da Luneta Mágica e estavam sempre presentes como uma plateia fiel e positiva em qualquer momento.

Brindaram aos outros, que assim como eles também tinham, naquele chão, uma parte de sua história... Um elo de vida.

A segunda garrafa durou bastante, mesmo sendo menor que a primeira, seu líquido era limitado apesar de ter um sabor de reticências.

E então fitaram a terceira garrafa. Ela era pequena e sem rótulo. Tão pequena que dava medo de tomá-la. E os três a olharam como se dissessem para si mesmos que ela não deveria ser aberta. Talvez por ser a última garrafa da última noite juntos, e pudesse representar um ponto final em um símbolo infinito.

Talvez porque desconfiassem que nela haveria o sabor das brigas, das noites tediosas, das lágrimas enxugadas. Talvez ela tivesse o sabor do veneno que os mataria cedo, assim como os grandes sempre morrem.

Na garganta de cada um havia sede, mas não a vontade de bebê-la. Eles viam naquelas gotas misturadas um grito de adeus perturbador, um deboche do tempo que tanto falou que aquilo um dia ia mudar.

Conseguiam ouvir o riso sarcástico da sociedade os devorando e sentir, ao mesmo tempo, a tristeza chorosa do amanhecer que não mais os teriam.

Quiseram morrer. Não porque um ou outro haveria de ir embora, mas porque na vida há sempre chegada a hora da partida. Teriam filhos para vê-los crescerem e sair deixando a porta aberta.

Teriam profissões, carreiras, para um dia olharem para o espelho e perceberem que não são mais úteis para aquilo. Teriam de se encaixar na exigência cruel e amarga de ser adulto, para sustentarem suas famílias e abandonarem a si mesmos.

Dali em diante, seus passos seguiriam, mas agora com sapatos apertados. Suas gargantas também estariam apertadas com o nó exato da gravata, mas nem por isso poderiam gritar. Tinham de ser exemplo, tinham de ser mais. Ser mais pra quem? Por quê?

Porque eles não podiam simplesmente viver para amar a vida. Para contemplar a beleza, as artes, se encantar com a noite? Mal eles não faziam a ninguém e se pensam que faziam mal a si mesmos, não faziam porque o bem da alma supera qualquer enfermidade do corpo.

Seus pensamentos viajavam sozinhos na mente de cada um. Não tiveram coragem de falar, mas com o menor olhar sabiam que estavam juntos mais uma vez em silêncio.

A verdade é que estavam apavorados com a nova vida que se anunciaria com o amanhecer. Talvez estivessem com medo de não serem bons personagens, e carregavam a repulsa de terem de ser o que não queriam aceitar.

A garrafa continuava ali e o silêncio também. Então alguém falou. O Chico cogitou abrir a garrafa. Pablo olhou para o Jim, que olhava para o nada.

A garrafa era tão pequena que mal dava uma dose. E para ser ao menos um pouco apreciada, teria de ser bebida por somente uma pessoa. Pablo passou a garrafa para o Chico. Seria justo que ele bebesse, pois tinha sido um grande amigo até então. Chico a passou para o Jim, que sabia apreciar tanto o gosto das bebidas raras, mas ele a ignorou. Jim a devolveu ao Chico como que dissesse: – Tome-a por nós.

Chico pegou a garrafa e após um segundo mais, olhando-a sério e até mesmo triste, começou a rir. E seu riso era diferente, gozador. Pablo

olhou para o Chico como se o interrogasse do motivo da risada, mas ao olhá-lo um pouco mais compreendeu o porquê do riso e o acompanhou em seu acesso de fuga. Em pouco tempo estavam os três a zombarem da garrafa, da noite, do amanhã.

Era um sorriso de quem não lembrava de nada, vazio de ideia, requinte ou filosofia. Só sorriam porque havia vontade.

Deixaram a garrafa ali no canto da esquina e decidiram não experimentá-la. Deixariam de brinde para o palco de tantas histórias, para a própria história daquela amizade. E ao deixarem-na sozinha, se afastaram ainda sorrindo.

Não lembro em que ponto o sorriso se misturou com a lágrima, não sei em que parte o adeus de fato foi dito, mas em algum momento todas essas coisas foram feitas. Os amigos boêmios, irmãos de toda uma vida, misturaram-se à aurora do amanhecer e foram embora, com o pensamento de que um dia, em algum momento, ainda havia uma garrafa a ser saboreada, pois ainda que outros encontrassem o mesmo monumento, aquela garrafa só seria visível aos seus olhos, pois nela não havia nada do que foi dito, nada do que foi pensado – havia somente a lágrima da saudade. Saudade que era deles e que portanto só por eles poderia ser tomada.

Paris dos Trópicos III

Porto de lenha, aldeia encantada, é verde o teu manto e azul o teu chão.

Naqueles dias haveria um grande concerto, e a Europa reunia-se aos arredores de Manaus. A cidade estava linda, o Teatro, exuberante. O grupo que chegava à casa do Barão Noversi, um dos mais ricos da região, ficou por quase uma tarde toda e depois seguiu para acomodar-se em uma pousada ali próxima.

Para surpresa de Francisco, a bela senhora, que ele vira desembarcar no cais, era a mesma que estava ali à sua frente. Enquanto ela deliciava-se com as frutas exóticas da cidade, ele admirava-a de longe, com a maior descrição que conseguia ter.

O Barão, vendo o servo por perto, teve uma ideia. Ordenou a Francisco que ficasse à disposição do grupo enquanto estivesse na cidade. Francisco não entendia o porquê, uma vez que eles já tinham seus servos, mas o Barão quis ser gentil e ele devia-lhe obediência.

Acompanhou o casal e as senhoras que ali estavam. Vinha de longe, é claro, mas vinha fascinado por ela, a visão perfeita do *El Dorado*. Ouvia palavras confusas. Ora no seu idioma, ora no idioma deles. A bela garota quase não falava e quando abria a boca era somente para dizer algo parecido com *merci*.

Mais tarde ele veio saber que *merci* era *obrigado* no nosso idioma e *amor* era *amour*, com biquinho mesmo, no idioma dela.

O Barão passava o dia em reuniões de negócio e a pequena que trouxera ficava algum tempo sozinha, arrumando-se para as grandes noites. Francisco ficou à disposição de Edith, pois o Barão europeu não quis abrir mão de seus empregados.

Francisco tentava disfarçar, mas seu olhar de homem faminto devorava cada centímetro da pequena. Ela o achava engraçado e não assumia de forma alguma o que ele causava nela. Ele era diferente de tudo o que ela havia visto até então.

Forte, moreno, cheiro de chuva e sol entranhado em suas roupas. Roupas sujas, corpo imundo. Mas tinha um rosto perfeito e olhos selvagens que a despiam facilmente. E tendo Manaus um clima essencialmente tropical, quem não é acostumado com o calor, ou se perturba com ele, buscando banhos contínuos e outras formas mais de refrescância, ou por ele é envolvido, tomado e absorvido.

Num desses dias de intenso calor, Edith, entediada de ficar sozinha no quarto, esperando a noite chegar, chamou o criado. Quis divertir-se, mal se entenderam. Ela perguntou-lhe o nome, ele quase negou-se a

responder. Ela falava em português bem devagar, dizendo que seu nome era Edith, Edith Marie.

Ele não entendeu direito, mas gostou do nome. Perguntava-se como uma dama da corte prestava-se a falar com ele, um bicho do mato. Soube por ela mesmo que não era esposa e sim uma das concubinas do Barão. Francisco ficou estremecido. Edith não se parecia em nada com uma meretriz, mas apesar do desapontamento, gostou de saber. Isso a tornava mais humana e só então ele conseguia falar olhando nos olhos dela.

Edith estava irrequieta e enquanto Francisco observava pela porta atento à chegada do Barão, ela lhe fez uma proposta. Sabia que algumas vezes o Barão da redondeza mandava chamá-lo para prestar-lhe serviços. Disse-lhe que se ele trouxesse algo caro da casa do Barão, ela lhe daria um beijo. Sim, um beijo!

Francisco ficou confuso, parecia que o diabo estava a zombar dele. Ele nunca tinha roubado na vida, mas também nunca havia precisado tanto.

Sabia que era mal pensar naquelas coisas, mas Edith o enlouquecia e ele não suportaria resistir mais que o necessário àquela oferta. Logo no dia seguinte foi ter com o Barão, dizendo que a madame o havia dispensado àquela tarde porque estava aos cuidados dos seus empregados. O Barão Noversi não gostou muito da desfeita, mas colocou Francisco para trabalhar com os outros enquanto pensava naquilo. Estavam descarregando mercadoria vinda do Sul e guardando em um espaço que o Barão tinha no fundo de sua casa. Demorou-se o mais que pôde e reparou que o Barão teve de sair para resolver coisas no seringal. Iria demorar.

Quando já saía, suando de expectativa, viu que a sala estava vazia. Morrendo de medo, atreveu-se a olhar, de longe mesmo, se haveria algo que agradasse Edith, e foi então que o viu. Estava em uma mesinha no meio do salão e parecia-se com um diamante quadrado e mal lapidado.

Certificou-se de estar sozinho e jogou-se na direção da sala. Guardou sua joia e andou rapidamente até se ver longe, muito longe da casa do Barão. Estava confuso – não deveria ter feito aquilo. Estava com medo de ser morto pelas mãos do seu patrono se ele descobrisse o furto. Não podia envergonhar o pai, não queria humilhar a si mesmo.

Mas foi então que a viu, objeto de todo o seu desejo. Edith não costumava sair de dia, pois reclamava do calor da cidade, mas ali estava ela com um de seus vestidos de boneca e sombrinha a proteger-lhe o rosto. Francisco a seguiu e explicou que tinha ido à casa do Barão pela

manhã, ela o ignorou e seguiu caminhando para a casa. Os olhos da pequena faiscaram ao ouvir que o seu intento de ter algo valioso estava mais perto que nunca. Apressou o passo, precisava chegar em casa. Lá chegando, certificando sempre de que ninguém a veria falar com um bruto, pediu a sua prenda.

Francisco estava nervoso, não sabia o que viria a partir dali. Deu-lhe o objeto de desejo enrolado em um pano sujo, mas sabia que ela esqueceria desse detalhe ao ver o que ele guardava. Edith abriu e não entendeu. Não sabia se ria de Francisco ou se chorava de raiva. A expectativa do momento, o farfalhar dos deuses, resumia-se a um cinzeiro de cristal. De certo que era bem trabalhado e talvez valesse alguma coisa, mas nada comparado ao diamante que ele comentara. Ele era mesmo um bruto e ela, já se penalizando por ter confiado em um empregado, decidiu por fim que riria da situação.

Ele ficou pelos cantos, cabisbaixo e humilhado. Havia arriscado sua vida por algo que ela considerara sem valor. Tragédia, desencanto, sede. Mas nem tudo estava perdido.

Aquele gesto de Francisco provara sua fidelidade à pequena e ela pensou que mal não teria em agradecer. Chamou-o no quarto a fim de consertar uma das arestas do espelho e ali mesmo na cama, onde passava noites insossas com o Barão, teve a sensação mais calorosa de sua vida – pertenceu a Francisco.

No fim, não se encararam. Ele foi embora, perder-se nas ruas e em sua descrença. Ela ficou ali, despenteada, marcada, nua e completamente entregue. Já havia ido para cama com muitos homens, mas nenhum a amou com tanta agressividade e ao mesmo tempo com tanta paixão quanto ele. O tempo era escasso e o ato execrável, mas indo contra todas as correntezas da razão, amaram-se uma vez e outras mais e ela percebeu-se apaixonada pelo mais atípico dos seres humanos.

Menos de uma semana e ela teria de partir. Francisco andava louco, não aceitaria perdê-la, mas não tinha nada a lhe oferecer. Pensou em levá-la de volta à sua cidade natal, mas não tinha dinheiro para transportá-la e no fundo não queria deixar a cidade sem o pai, não podia fazer isso. Ela gostava dele, mas não estava disposta a trocar o luxo de sua vida pelo lixo da vida de Francisco. Propôs dizer ao Barão que tinha se afeiçoado ao servo e que gostaria de levá-lo. Não convenceria. Ela poderia ser tratada como princesa, mas sabia que não gozava de uma mordomia dessas e, além do mais, não tinha cabimento afeiçoar-se a um escravo.

Experimentou a dúvida, conheceu o horror. estava há um mês naquela cidade e suas regras não vinham. Comentou com Francisco que o Barão não podia ser pai por causa de problema que tivera na juventude. Ela passava mal e o companheiro já desconfiava. Estava perdida e não sabia o que fazer com um amor impossível e um filho no ventre a sugar-lhe toda a disposição.

Chorava por horas incrédula do seu destino. Depois de experimentar o requinte, estaria então determinada ao sofrimento? Mas estar com Francisco era mesmo sofrer? O momento crucial chegava ao seu encontro, alguém tocava uma flauta distante, os sinos da igreja avisavam o chegar do pôr do sol. E Edith e Francisco, unidos pelo calor dessa terra, pensavam.

Qual destino seria menos cruel?

TÉDIO MATINAL

Amanheceu, mas já parece tão tarde. O calor agressivo do sol aponta para quase meio-dia, mas pasmem – ainda não é chegada nem as 8 horas da manhã. A menina, com salto alto e vestido curto de costa nua, parece já ser uma mulher, mas do ponto onde está, escuto a mãe brigar e insistir em lembrar que ela tem apenas 11 anos. Mais à frente, uma casa. Enorme, imponente, fechada a cadeado e com cerca elétrica.

De um pequeno buraco no portão surgem dois olhos arregalados, atentos e vidrados com os carros tomando seus caminhos. Uma criança de mais ou menos cinco anos, já acordada tão cedo, parece nunca ter visto vida além do universo do seu quintal. Durante algum tempo percebo seus olhos soltarem faíscas com a movimentação matinal e me distraio com sua alegria em poder espiar o mundo que acontece aqui, no lado de fora. Menos de cinco minutos, ele corre. Alguém o chama desesperado – na certa, a mãe, temendo ladrões ou sequestradores.

Continuo meu caminho. Ao menos, tento. O ônibus mal sai do lugar, pois o trânsito já a essa hora está pavoroso. Manaus cresceu, e ir de um lugar para o outro agora requer paciência, determinação. Existem mais carros que possivelmente a cidade consegue suportar e eu – que nem tenho carro, pago por isso, me atrasando para chegar ao meu trabalho.

Saímos da Constantino Nery e entramos na Djalma Batista. A rua parece interminável e isso me causa um discreto desespero, uma vez que não há nada a fazer, tento conectar uma rádio no meu celular. Consigo, mas me arrependo. Procuro uma música, algo para melhorar minha manhã, mas só há locutores comentando sobre o trânsito ou algumas espécies de ruídos musicais, chorando amores, falando de traição ou desmoralizando a mulher. Não suporto esses apelos, mas é só a minha opinião em um universo de livre-arbítrio.

Desisto da música, me convenço de que o melhor mesmo é aderir aos modismos e comprar um MP não sei das quantas. Gravo as músicas de que gosto e pronto, os outros que se danem. O senhor ao lado lê um jornal, daqueles pequenos de alguns centavos. Na primeira página, morte por assassinato. Na segunda, morte por homicídio. Na terceira, descobertas de mais corrupção na política e, na última, fofoca sobre a vida dos outros.

Me pergunto se não se preocupam com uma página para cultura, mas lembro que só colocam o que vende, e cultura não é interessante.

O sofrimento é interessante porque é muito mais acessível. É sério! Muitas pessoas vivem mais de cinquenta anos e admitem nunca ter sido felizes de verdade, enquanto a grande maioria, com menos de trinta, com certeza já experimentou mais de um tipo de sofrimento. E tanto interesse não vem da solidariedade e sim da satisfação. Muitos dizem que se solidarizam com a dor alheia, mas no fundo o que todos querem é dizer para si mesmo que tem gente em pior situação.

Esse é o bicho homem!

Desisto das coisas ao redor e tento me lembrar de algum momento feliz. Preciso fugir daquele ônibus lotado e como fisicamente é impossível, me permito viajar no tempo. Apesar da ausência de notícias culturais, uma pequena nota no canto do jornal fala de um livro a ser lançado que retrata o século 19. Penso em como tudo era diferente e em como eu poderia ser diferente se vivesse em outra época. Usaria aquelas roupas engraçadas, aquelas luvas delicadas. Andaria de charrete e certamente não passaria horas em pé num meio de transporte.

A mãe da menina de 11 anos se orgulharia de ver a filha com aqueles vestidos enormes e o menino agora aprisionado poderia correr livre pelas ruas, soltando pipa, brincando com o cachorro. Eu não teria carreira e nem todos os ideais que hoje tenho, mas muito provavelmente minha mãe seria minha melhor amiga e faríamos quitutes juntas para o jantar. Eu conheceria alguém e a ele serviria e teria lindos filhos.

Nesse momento meus pensamentos já não parecem tão belos. A ideia de casar e ter filhos nunca fora uma alternativa, mas discretamente no íntimo de um sonho impossível bem que poderia existir. Eu ensinaria as letras em casa para os meus pequenos e os veria da janela de casa correrem livres pelo jardim.

Pensar em coisas boas me faz mal. Tento entender como homens que trabalham tanto pela evolução do mundo regridem tanto em si mesmos. Hoje, as doenças foram controladas, a educação aprimorada, mas não podemos conversar na frente de casa com medo de sermos assaltados e nem ao menos sentirmos o ar puro em pleno seio amazônico.

O desequilíbrio humano é tão grave que não existem mais motivos para matar ou para morrer, somente a legenda de cada brutalidade no rodapé dos noticiários. Não se dispensa a ofensa à criança nem ao idoso. Não se poupa o novo por ter muito a viver ou o velho, por respeito ao que já viveu. Mata-se com armas de fogo e com armas de paz.

Um exemplo disso é a precariedade dos hospitais públicos. Crianças morrem em fila de espera, os idosos são sacrificados pelo péssimo

atendimento. Governante, que sabe da realidade de sua gente e desvia dinheiro público desses hospitais e de tantos outros investimentos, também é assassino.

Começo a ficar agitada, o calor aumenta e o ônibus mal sai do lugar. Penso no ser humano diluído de sua essência e isso me enfraquece, me elucida e logo volto a me comprometer em não ter filhos – em não criar mais vítimas para o caos que tem sido viver.

Busco um pensamento bom, um momento especial e mesmo revirando minhas lembranças, nada me vem à mente. Começo a me sentir vazia, um oco.

Todo dia o mesmo trajeto. Trabalho, casa, casa, trabalho. Meus amigos, sempre ocupados, nunca têm tempo para nada. Meus colegas de trabalho são pessoas um tanto quanto conturbadas e não me passa pela cabeça conviver nem um minuto a mais com eles do que as obrigatórias oito horas diárias. Mais do que isso e a maluca seria eu.

Vida fútil, sem cor, sem beleza. É a palavra vida, sem expressão nenhuma do que deveria ser de fato. Lembro novamente do menino, percebo que temos algo em comum. Também estou aprisionada, ainda que do lado de fora da cela. E talvez seja essa a pior prisão.

Tão distante estou que nem percebo quando chego ao meu destino. No ponto, todos apressados, correndo para seus destinos. Comigo não, é diferente. Dissipo todos os meus pensamentos e sigo ao encontro de mais um dia fatídico. Estou apática e intolerante, torço para que ninguém note a minha presença. De longe, alguém me dá boa tarde, tirando piadinha com a minha quase uma hora de atraso.

Minhas palavras, ainda que em silêncio – Não falem comigo, me deixem sozinha – já comecei mal o dia.

ENTRELINHAS

– Pirulito, esse é meu novo nome. Nada de Carolina. Não tem nome mais feio que Carolina. Me batizo Pirulito, porque o bicho é colorido e doce, lembra infância, diz aí.

Carol conversava com o muro de sua casa, e ele confirmava que Pirulito era mais bonito que o seu nome de antes. O muro gostava dela, o chão a adorava, só não se entendia mesmo com as pessoas. Um dia, cansaram de ver a pobre Carol rir sozinha, rir à toa. Perceberam que tinha mesmo enlouquecido, ou será que estavam afrontados?

Levaram-na ao psicólogo, ao psiquiatra. A pequena não dava trabalho, não rasgava dinheiro, não corria para a rua se esquecessem a porta aberta, nem fazia careta para criancinhas.

– Mas me diga, então, qual o problema?

E ela mesma demonstrava em seu semblante. Mesmo sem sorriso, a cara tinha graça e quando desembestava a rir, não parava mais. Na sua cabeça, lembranças misturadas da mãe e da infância. Na cabeça dos outros, uma visão sensata de que ela perdera totalmente a noção de tudo, porque era impossível que alguém vivesse assim, rindo de tudo.

Davam remédio, sossegavam Carol. Ela via ao longe, sonolenta, a mãe lhe levando ao Mercadão Adolpho Lisboa quando tinha seus 12 anos. A mãe comprava folha de tudo para fazer chá. Nunca usou aspirina para gripe, nem remédio para febre. Sua farmácia estava ali na barraca do crajiru. A mãe era linda e falava pelos cotovelos. Deixava a filha sentada, tomando caldo de cana com pastel de queijo e conversava de tudo com a colega, enquanto essa escolhia o melhor tomate.

Tentavam controlar Carol, mas não tinha remédio que desse jeito. Não sabia como lembrar dos passeios de balsa no domingo e não sentir intensa alegria. O tio bebia mais que a boca e contava piada o domingo inteiro enquanto assava o tambaqui na brasa. Ela voltava à infância, voltava a viver.

A família incomodou-se de novo. Depois que os pais morreram no barco que afundou, ela foi, já adolescente, morar com uns tios que tinham mais condição. No início calou-se, não havia quem adentrasse no menor espaço do seu eu. Certo dia, acordou a todos cantando o Hino à Bandeira. Não entenderam nada, mas deixaram-na cantar, vai ver era forma de fugir do luto. Que nada, era meio de voltar a 7 de setembro quando ela desfilou à frente da sua escola.

O pai suava, coitado, mas não largava pé dali. A mãe levava água e paninho para enxugar a testa da pequena Carolinda, era assim que ela gostava de ser chamada antes de tudo, antes da solidão. Carol, mergulhada no tempo, segurando a mão do pai, começava a rir. Resolveram levá-la ao médico de novo. Os remédios não davam jeito. Tinha de internar, o negócio era mais sério do que se imaginava.

Os médicos explicavam, de forma científica, o que era tão simples nos dias da menina. Enquanto arrumavam suas coisas para lhe levarem para o Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, ela cantarolava a linda rosa juvenil, música que a mãe cantava para ela dormir. Ouviu o nome do lugar e começou a contar a história.

Tinha estudado sobre Eduardo Ribeiro na escola. Sabia que existia uma Manaus antes e outra depois dele e que os frutos do seu trabalho ainda perduravam na urbanização e imponência de Manaus. Os tios não queriam saber de Eduardo Ribeiro. Se a mãe tivesse ali, certamente passariam horas falando dele.

Mas o peixe do aquário a olhava curioso, como que implorando para que ela lhe contasse tudinho o que sabia. Não fez desfeita, contou para o peixinho, mas não contou muito porque os tios a levariam para passear. Foi pro hospital, tomou remédios mais fortes. Tentava se concentrar nas lembranças da infância, no Trem da Alegria, em Presidente Figueiredo. Não conseguia.

À sua frente, só via um quadro branco e os seus lábios não sabiam mais sorrir. A certeza da morte, a ideia do fim, tudo tão certo, tão doloroso. O pai e a mãe, uma despedida sem adeus, um ir embora sem ela, um perpetuar sem corpos encontrados. Carolina fraquejara diante do fim. Inerte estava e inefável permaneceria por muito tempo mais.

Os médicos comemoravam. Na queda de braço, eles tinham levado a melhor. Ignorantes diplomados acreditavam ter solucionado um problema, curado uma paciente.

Resolveram ligar para a casa da paciente e gabar-se do grande feito que a ciência causara. Cada um em sua pose, e na menina, nenhum sorriso. Cuidaram de lhe tirar qualquer coisa que lhe causasse uma crise e de controlar acirradamente os horários dos medicamentos. Malas prontas, espaço vazio, conduziam a já não existente Carolina.

Talvez agora, com lábios murchos e mente vazia, eles a considerassem boa para voltar para a casa.

LARGO SÃO SEBASTIÃO

As luzes do palco se acendiam e os moleques nem precisavam se esconder. Um lindo espetáculo começaria a qualquer momento e eles estavam doidos com tanta beleza. Era Natal. E os Natais não costumavam ser muito felizes. Ao contrário. Para meninos de rua como eles, acostumados à miséria, noite mais triste que essa não tinha. Os pequenos estavam curiosos, tinham de trabalhar, vender bala no sinal, mas o concerto de Natal do Largo de São Sebastião exercia sobre eles um fascínio sem igual.

Estavam ali, ao lado de pessoas de classe, artistas amazonenses, crianças bem vestidas. Todos estavam embevecidos com o espetáculo. Cada detalhe, cada canção. Algo grandioso, assim como a bondade de Deus sobre eles. Morar nas ruas não era fácil. Resistir a ela, menos ainda. Mas havia o lado bom disso tudo. A cidade era deles.

Gabriel, o menor, olhava o mais velho com admiração. Os outros ganhavam os dias usando drogas, batendo carteira. O irmão Messias ganhava seus trocados vendendo livretos, balas, tudo que lhe dessem. Não conseguiu fazer escola, mas colocou o mais novo a todo custo. A mãe, sempre bêbada e jogada, não se importava com eles, mas Messias era diferente. Procurou abrigo para o pequeno, mas ele não quis ficar longe do irmão. Conseguiram endereço e certidão de nascimento para o colocarem em escola pública. O menino não queria saber de estudar, tinha vergonha de não ter nem lápis, nem roupa. Messias deu jeito em tudo.

Foi à igreja do bairro, passou o dia carregando melancia lá na Panair. Voltou de noite, com percata de super-herói para o menino e mochila seminova que negociou na boca da Marechal Deodoro. O resto, não precisou. A escola deu tudo e mais um pouco. O menino tinha ganhado farda, material bonito, usava computador e comia bem todos os dias. Aprendia a ler e ensinava o mais velho as equações básicas de matemática. Ele ganhou bolsa para fazer computação, ia a pé todos os dias, era o melhor da turma.

Não dizia que era menino de rua, embora desconfiassem por sua simplicidade e sujeira constante. Não se importavam, o curumim era esforçado, fazia tudo de bom grado. Queria sair da rua, mudar a vida do irmão. Terminaria o Médio e seria doutor diplomado pela Universidade Federal do Amazonas. Esse era seu sonho, sua maior ambição. Mas era noite de Natal, e ele estava de férias.

Sentia pena da mãe, jogada bêbada na sarjeta, mas sabia que muitos já tentaram lhe ajudar. Pensava no irmão, vestido de palhaço para ganhar alguns trocados. Enchia o peito de amor, ao pensar no Messias. Pensava em Manaus, agora tão humana, com lugares mais bonitos dos que ele via na televisão. Estava feliz, porque mesmo que tivesse ainda de dormir embaixo de viadutos, até esses estavam mais iluminados.

Pensava na praça do *Educandos*, seu lugar favorito até então. Tinha parquinho, lugar de correr, tinha flores bonitas. Pensou na praça da Saudade, que agora parecia com aquele filme bonito que ele viu de luta lá na Grécia. Sentiu-se no filme, acreditando-se herói, olhando para aquelas hastes levantadas. Voltava a ser menino quando olhava aquelas flores lhe sorrindo. Aquelas praças eram suas, aquele chão era seu. Não tinha sola para gastar e mesmo que lavasse bastante o pé, a marca do asfalto já tinha enraizado no menino.

O sapato era só para o curso e para a escola, e agora ali para assistir concerto importante. Gabriel ria sozinho, o irmão o achava besta. Deixava o menino mergulhar na sua história e ser feliz naquele momento, afinal a riqueza podia ser privilégio de poucos, mas a existência do Menino Jesus e do verdadeiro Messias era presente de todos – e era o melhor dos presentes.

Paris dos Trópicos IV

Edith amava Francisco de forma tão intensa que não conseguia mais pensar em entregar-se para mais ninguém. Ele estava fazendo serviços, juntando dinheiro e entregando a ela tudo o que tinha. Ela podia vender algumas joias, alguns vestidos e poderiam tentar criar o pequeno que ela já amava. Ela era bela, mas ainda seria após uma gravidez? Manaus crescia e a riqueza podia vir para eles também. Ou não. Não podia voltar para a França, seria humilhada quando vissem que ela geraria de seu ventre uma criança negra. Não podia ficar, pois não sabia como sobreviver a uma vida sem champanhe, sem as luzes sobre ela.

Faltando um dia para a viagem de volta, estavam os dois a olhar um para o outro sem saber o que fazer. Ele tinha um plano, bem que podia dar certo. A ideia seria que ela abandonasse o Barão, deixando-lhe uma carta dizendo que fora necessário ir embora e pedir que ele não procurasse por ela. Enquanto isso, ficariam escondidos em uma casa um tanto distante da cidade, até que garantissem que o Barão já havia partido.

Ele agiria normalmente, trabalhando o mais que pudesse para lhe levar dinheiro. Ela pensou, analisou, questionou. Por fim, fizeram o combinado, unidos por amor e pelo medo.

Na última noite na cidade-luz, o Barão levou a pequena para assistir concerto no Teatro. Ela reclamou de cansaço, dor de cabeça e pediu para ser levada para os seus aposentos. O Barão pediu desculpas, mas não podia deixar de participar da reunião que se sucederia após o espetáculo. Deu recomendações severas para que Francisco a acomodasse em seus aposentos e que ficasse à disposição de qualquer coisa que acontecesse.

Foram então os dois, fugindo na noite quente de Manaus. Passaram no vilarejo e pegaram as coisas de Edith. Ela deixou-lhe uma carta e de lembrança levou um relógio de ouro que ele amava. Na certa seria mais valioso para ela do que para ele agora. Seguiram viagem, rumo ao desconhecido e ao inesperado.

Chegando de madrugada em seus aposentos e ávido pelo corpo de Edith, o Barão estranhou não vê-la repousando em sua cama. Já se desesperava quando viu a carta e as explicações vagas em que ela pedia para que ele a esquecesse. O que teria acontecido, então? E onde estaria seu relógio de ouro? Não aceitou ter o relógio roubado e jamais aceitaria perder Edith. Mandou que seus homens virassem a cidade de cabeça para baixo. Pagava-se recompensa para quem a encontrasse.

Chamou Francisco e pediu detalhes dos fatos da noite. Ele disse que havia deixado a senhora no quarto e como havia farra ali perto e achou que ela estivesse bem, foi beber. Havia desobedecido uma ordem,

sabia disso. O Barão o culpou pela fuga da mulher. A mulher agora é minha e não sua – pensava Francisco, tentando conter-se o mais que podia.

Ele que sempre fora triste, meio amargo, finalmente encontrara motivos para sorrir. Pensava na mulher em casa, lhe esperando, no filho que em breve nasceria e no pai que ele haveria de salvar do caos. De certo que ele estava doido de medo que achassem o esconderijo dos dois, mas sabia que em menos de dois dias aquilo estaria acabado, pois por mais amor que tivesse o Barão por Edith e tudo o mais, ele também amava seu dinheiro e podia comprar outras Ediths quando chegasse à Europa. Os negócios lhe esperavam, sua família também.

Francisco, por sua vez, como forma de recompensar o Barão por sua ingratidão, prometeu catar Edith dia e noite e só haveria de descansar quando a encontrasse. Ganhou novamente a confiança do homem. Sentia pena de si mesmo se ele descobrisse alguma coisa. Quando algum capataz chegava próximo do barraco onde ela se escondia, Francisco despistava dizendo que alguém lhe dissera ter visto uma francesa a andar sozinha lá por perto do porto. Não a achavam em lugar algum e já começavam a cogitar que ela havia ido embora em alguma embarcação.

Francisco foi dizer ao Barão que disseram ter visto dama igual à Edith embarcar no navio na noite anterior com um senhor de fino trato. O navio seguia para a Inglaterra.

Então, era assim. Edith lhe traíra com outro Barão, mais rico que ele talvez e ele ali, perdendo seu tempo. Consentiu tê-la deixado de lado nos últimos tempos, mas nada abrandava a fúria em seu peito. Sentia raiva de Edith, queria mesmo que ela morresse. Decidiu que colocaria fim naquela cena.

Malas prontas e já ouvindo os sinos badaleiros que anunciavam a partida das embarcações, olhou para Manaus e sentiu a terrível certeza de que jamais a esqueceria. Manaus, palco de riqueza e de ostentação. Palco de paixões inesquecíveis e amores intermináveis. Foi embora, e deixou Edith para trás.

Mais à frente, já pensava em outra concubina para conquistar, nos presentes não comprados para a família, no lucro levantado na viagem.

Enquanto isso, Edith se embalava na rede, comendo tucumã fresquinho que o companheiro lhe trouxera, e pensava no moleque, que enfim parara de chutar sua barriga. Ele podia descansar, o perigo ia embora em águas serenas. E ia de navio.

RELÓGIO DE OURO

Árvores se abraçam, vento toca tambor, faz frio, como pode? Lá fora, o silêncio.

O tempo, velho e amassado na memória, brinca de bola na visão do antigo menino. O dia, tão atípico, mexia com as emoções do patriarca. Ao invés do sol sempre presente, o dia estava cinza com cara de outono.

Tudo tão ameno e ao mesmo tempo tão saudoso que o avô, o patriarca em questão, entendeu que era dia dos netos faltarem aula. Pegou os pequenos e os levou para um passeio pela cidade. Ele era liberal, mas carregava no peito a tradição de um tempo que não mais voltaria. Nasceu e cresceu em Manaus, mas tinha sangue europeu que vinha por parte dos antecessores.

Edith Marie, sua bisa, foi a primeira mulher a quem ele aprendeu a admirar. Ouvia seus pais e avós contarem que ela deixara tudo para trás para amar e cuidar de seu companheiro.

Infelizmente morreu cedo, acometida por malária. As más línguas diziam que foi maldição de um relógio roubado do Barão que trouxera Edith para Manaus. Ele não acreditava nisso, embora soubesse do poder que o relógio tinha.

Levou a pequena Marie e o pequeno Francesco para conhecerem o Palácio da Justiça. Os meninos, nascidos gêmeos, herdaram – com uma pequena variação – o nome dos antecessores por pedido dele mesmo, o avô coruja. Eram diferentes em tudo e o avô interpretava o comportamento de ambos, como se fossem heranças dos que lhe iniciaram a linhagem.

Amava o pequeno Francesco, mas adorava a pequena Marie e morria de saudosismo quando ela repetia as palavras em francês que ele a ensinava diariamente. *Mon chér, mon diet*. Era um mergulho no tempo, em um tempo em que ele não esteve, mas que amava intensamente.

A Manaus do século 21 é de fato linda – tinha de assumir, mas preferia os tempos dos bondes. Ninguém mais morria de malária, mas nem por isso muitos deixaram de morrer. Há sempre algum mal atacando a humanidade e a maldição incurável – o HIV – é o tormento da nova era.

O avô, sempre informado, adorava contar histórias. Entre um lanche e outro, narrava passagens dos tempos dourados, de vidas reluzentes. Contava crendices, lendas amazônicas, mas gostava mesmo era

quando lhe perguntavam sobre os antecessores que viveram no ciclo da borracha.

Eram ricos? Tiveram quantos filhos? O avô contava tudo com o devido cuidado que poderia retratar a visão que um neto tem por seus antepassados e narrava as aventuras do jovem casal em busca um do outro.

A fuga do Barão, a gravidez de risco, o reencontro com o pai de Francisco. Tudo guardado, tudo transformado em herança.

Os meninos perguntavam sobre um relógio, sabiam que existia um relógio enfeitiçado. Não. Ele afirmava veemente que o relógio não trazia mau agouro; ao contrário disso, era símbolo de riqueza. Não contou para os netos que um dia, quando ainda criança, viu o relógio pela primeira vez. Não era mesmo um relógio qualquer.

Um relógio de bolso, de ouro legítimo e pedras de rubi encravadas ao redor. Ouvia a mãe dizer que ia deixar o homem de terno levar para o museu da cidade a fim de que retratasse a época em que veio para essas terras. O pai não gostava da ideia e insistia que não podia aceitar, pois desfazer-se de herança como aquela, era crime – profanação. Ouviu a mãe dizer ao moço que voltasse no outro dia, pois o marido guardava o relógio com muita estima e que haveriam de concordar em passá-lo adiante, ou não.

De madrugada, ouvia os dois argumentarem, cada qual em seus pontos de vista. A mãe estava interessada na quantia envolvida, aliás, não passavam tão bem por aquele tempo. O pai não conseguia desfazer-se do relógio que havia herdado de seu pai e este do seu pai e assim ele seguiria na sua família, passando para seus filhos e netos.

Por fim, ele cedeu. Não adiantava discutir com a mulher, porque ela sempre ganhava nos argumentos. Ficou triste, cabisbaixo. Dormiu com o relógio perto da cama, em cima da escrivanhia.

O avô, ainda moleque, pensou em roubá-lo, mas sentiu a presença do Barão lendo seus pensamentos. Ficou com medo, foi dormir. No outro dia, o estardalhaço. O pai dizia que tinham roubado o relógio. A mãe corria para ver se o menino estava bem. Mas como o ladrão entrara? Ele lembrou de ter esquecido a porta encostada, sem fechar na tranca. Era alguém que já tinha plano, entrou somente para roubar o relógio. A mãe chorava, o que haveria de dizer ao homem do museu? O pai, calado. Manaus era uma cidade grande, não havia mais o que fazer. O pequeno logo desconfiou do pai, não era assim que imaginava a cara do velho quando lhe tirassem sua joia amada.

O tempo passou, o filho virou pai e de lá virou avô. Nesse meio tempo, a confissão: o pai, de fato, roubara o relógio de si mesmo para não ter de desfazer-se da joia amada. Agora, como era de costume, passava para o filho, já esperando a morte lhe levar.

Quando a mãe dos meninos nasceu, o velho ficou aliviado. Não queria desfazer-se do relógio porque sentia que ele lhe pertencia e como havia sido passado em segredo e era considerado roubado, espantaria a todos se um dia tal revelação fosse feita. Olhava para Francesco, o próximo guardião da relíquia. Olhava para Marie, a verdadeira herdeira de seu amor, e enquanto narrava suas histórias, observava a tarde que caía, o tempo que se alastrava, e preparava-se para a bronca que certamente haveria de levar – de novo – por não ter levado os gêmeos para a escola.

CINZEIRO DE CRISTAL

– Sophia, se apressa, está na hora de ir pra escola.

– Estou indo, mãe. Já estou quase pronta.

Todo dia a mesma coisa. Sete horas da manhã e nada de vê-la pronta. A lotação já deveria estar passando a qualquer momento e ela, mais uma vez, estava atrasada. Veio correndo, apressada, mochila nas costas, livros nos braços e foi então que, em uma mera fração de segundos, aconteceu.

Havia na bancada da sala um cinzeiro de cristal que a mãe guardava com o maior cuidado. Antes ficava na parte alta da estante da sala, mas agora que a filha crescera um pouco mais, ela arriscara colocar na bancada da sala que era mais baixa, e mais bonita também. Sophia não entendia o amor da mãe por aquele negócio tão comum, mas respeitava e passava longe. Apressada, só percebeu a besteira que tinha feito quando ouviu no chão o objeto espatifar-se.

A mãe, que já aguardava lá fora, entrou de um súbito, e sentiu o estardalhaço dos vidros antes mesmo de vê-lo. Sophia esperou o pior. Gritos, uma surra talvez. A mãe mal conseguia falar, só disse baixinho:

– Vá, Sophia, a lotação já te espera.

Ela foi, de cabeça baixa, vontade de chorar. Crescera ouvindo as histórias que rodeavam aquele cinzeiro e este era um elo do amor dos próprios tataravós, que passava de geração em geração. Francisco e Edith eram como Romeu e Julieta para sua mãe e ela bem o sabia que o romper daquela peça representava muito, a ponto de fazer a mãe perder as forças. Ficou triste, imaginando.

Enquanto isso, a mãe em casa ainda demorou a encontrar meios de fazer aquilo. Juntar os destroços vivos de uma época tão bonita e selada havia tantos anos. Juntar os cacos era reviver lembranças e dizer adeus de uma vez por todas.

Tratava-se de um cinzeiro de cristal do século 19, que passara de geração em geração como herança de um amor que lutou para não morrer e que vinha sendo mantido na família havia dois séculos para que lembrassem que o amor ainda existia.

Ela lembrava do dia que a mãe lhe passara o cinzeiro e por mera coincidência, ou não, após momentos falando do amor verdadeiro e da vida sofrida que eles tiveram, de vê-la simplesmente morrer em seus braços. A causa? Não sabia. Sabia que a mãe andava doente, mas certamente a família considerou-lhe indigna de saber mais detalhes.

Anos depois soube que era câncer, somente anos depois. Ficou com o cinzeiro, e com as lembranças da mãe que cuidava tanto dele.

Guardou com cuidado, e por tempos não deixou que ninguém o visse. Depois de um tempo, quando conheceu Arnaldo, pai de Sophia, imaginaram juntos como fora a vida dos antecessores no apogeu da borracha e sonharam viver de forma intensa um amor como o deles, que resistiu a tudo e até mesmo à morte, uma vez que a vida deles permanecia ali naquele transparente e pesado objeto. O fato era que ele estava ali em pedaços e chorar não trazia sua beleza de volta. Juntou os cacos, foi à varanda, pensou em Edith e pensou em si mesma. Assim como ela resistiria à dor, e não permitiria que uma lágrima sequer caísse. Estava triste com Sophia, mas não tinha o porquê. Ela não fizera por mal. Juntou os pedaços em um pano vermelho e os colocou em uma caixa delicada. Precisava encontrar meio de consertá-lo, mas enquanto isso precisava fazer o almoço. Enquanto cozinhava, pensava.

Será mesmo que o tempo pode ser rompido, despedaçado por algo que se quebrou? A vivência de um amor perfeito, as lembranças entranhadas na memória, o destino que se altera no breve espaço de um momento. E se não houvesse mais nada material para guardar o cheiro, as digitais? Será que a chama daquele sentimento se perderia no tempo, no fechar de um livro, no apagar dos olhos? Por amor, Edith abrira mão dos seus vestidos e joias, do luxo e das festas, mas teve ao seu lado uma família amorosa, que a amou com a máxima verdade. Francisco não podia lhe dar presentes caros, mas cuidou de sua amada em todos os momentos, até mesmo em seu leito de morte, quando uma forte malária aplacou seu frágil corpo. Deixou a Francisco três filhos, e dias intensos de um amor inesquecível e em sua linhagem não havia quem não soubesse da beleza e da virtude daquele amor, por eles vivido.

Eis que o momento permanece estático – e o cinzeiro de cristal jaz partido.

BIOGRAFIA DA AUTORA

Catarina Lemes, 25 anos, faz graduação de Letras – Lingua e Literatura Portuguesa, na Universidade Federal do Amazonas. Estuda língua Inglesa e Francesa e estréia na literatura com esse livro de contos e crônicas, selecionado pelo Projeto da Secretaria de Cultura – Proarte, " Cinzeiro de Cristal".

Atualmente mantém o blog www.espacoletrasecores.blogspot.com ativo, como canal de comunicação sobre literatura, arte, crítica social e cultura.

Este livro foi composto pela Gráfica Zilo para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

Porto de lenha, aldeia encantada, é verde o teu manto e azul o teu chão" é expressão-síntese que inaugura um dos capítulos desta obra de Catarina Lemes Pereira, toda ela mesclada de contos e recontos cujo cenário é sempre Manaus, atual e da "belle époque", com pessoas construídas do imaginário da autora e outras tantas vistas e encontradas possivelmente em seus passeios pela cidade pela qual declara amor ao falar de sua vida e seus mundos.

Robério Braga.

ISBN 85-65409-26-7
9 788565 409265

Secretaria de Estado de Cultura

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHANDO PARA CRIAR OPORTUNIDADES

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA